

## Se um dia fui presidenta, já não recordo: a construção da mulher na mídia através de uma análise da reportagem “Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”<sup>1</sup>

Luana Magalhães de Barros<sup>2</sup>

Antonio Wellington de Oliveira Junior<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### Resumo

No presente artigo, pretende-se fazer uma panorâmica sobre os estudos de gênero, com especial enfoque sobre a figura feminina e sua construção através de diferentes narrativas. A reportagem da revista Veja “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”, publicada no dia 18 de abril de 2016, é objeto escolhido por trazer alguns elementos interessantes para a discussão sobre a construção discursiva dos papéis de gênero. Através de AUSTIN (1962) e BUTLER (2003) explanamos sobre os atos de fala e os atos corporais performáticos e suas interrelações. FIGUEIREDO (2015) é utilizada como contraponto a visão de Butler a respeito das questões de identidade envolvidas no ser mulher e suas diferenças a depender do contexto. TAYLOR (2013) é invocada para falar de arquivo e repertório e suas influências diretas nas narrativas construídas a respeito da figura feminina.

**Palavras-chave:** gênero; mídia; mulher; performatividade; comunicação.

### 1. Introdução

Acordei no dia 1º de janeiro de 2011 com a primeira mulher presidenta em meu país. Fui dormir no dia 17 de maio de 2016 com uma primeira-dama interina bela, recatada e do lar.

\*\*\*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginários do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós Graduação em Comunicação, na Universidade Federal do Ceará. Email: [luanamdb@gmail.com](mailto:luanamdb@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós Graduação em Comunicação na UFC. Email: [wellington-jr@uol.com.br](mailto:wellington-jr@uol.com.br)

Em um momento que não posso precisar no tempo, ensinaram-me que da costela de Adão fez-se Eva. Não posso precisar no tempo, porque é memória desde a mais tenra infância a história da criação segundo a Bíblia. A mulher, me disseram, foi criada a partir de um pedaço da carne do homem, como se deste fosse parte. Porém, parte imperfeita e perigosa, sendo culpada da desgraça daquele que lhe dera pedaço de carne e de todos os descendentes.

Meus tempos de criança cristã a correr na Igreja e recitar os Salmos a muito passaram, mas a narrativa da mulher como parte do homem e inferior a este – assim como perigosa – foi apenas atualizada, sendo me recontada por diferentes autores em diferentes histórias. A culpa por nascer mulher, então, poderia ser apenas atenuada por permanecer em meu lugar de subalternidade, inferior ao homem, como costela que sou. “Atrás de um homem há sempre uma grande mulher”. Mas permaneça atrás.

A Bíblia não se encontra só nos escritos que perpetuam essa narrativa. Contos de fadas, filmes hollywoodianos, novelas das nove ou das seis, todas seguem uma linha próxima no que se refere a comportamentos femininos idealizados. Essas estórias, tratadas em diferentes tempos e espaços, parecem seguir o conceito de roteiro explicitado por Diana Taylor.

Os roteiros invocam situações passadas, algumas vezes tão profundamente internalizadas por uma sociedade que ninguém se lembra do que aconteceu antes. (...) Em lugar de ser uma cópia, o roteiro constitui algo que acontece repetidas vezes. (p. 66, 2013)

## **2. A palavra e o discurso**

Senta direito. Fecha as pernas. Você já é uma mocinha. Não pode brincar com os meninos. Se ele bateu em você, é porque gosta de você. Você tem que ser difícil, homem não gosta de mulher fácil. Tem que se dar ao respeito. Esse batom vermelho é coisa de puta. Dar no primeiro encontro não pode. Roupa curta não pode. Beber demais não pode. Nem falar palavrão. Nem ter amigo homem. Cozinha bem, já pode casar. Ele te controla porque te ama. Tem que trabalhar, mas tem que estar sempre bonita. Tem que ser boa mãe, mas

também boa esposa. Fazer as tarefas em casa, mas também sempre atenta ao marido. Ele só foi procurar na rua porque não tinha em casa.

\*\*\*

O poder da palavra, seja ela oral ou escrita, é essencial na construção do homem ocidental (“a cultura ocidental está casada com a palavra”, enfatiza Taylor) confere a esta o poder na solidificação destes roteiros. Os exemplos supracitados são arquivos – “materiais supostamente duradouros” – que alimentam e são alimentados pelo “efêmero de práticas/conhecimentos incorporados”, o repertório (p. 48, 2013).

Entendidos por vezes como antagônicos, os dois conceitos complementam-se em um processo de controle dos corpos das mulheres e da manutenção dos papéis sociais de gênero. Os roteiros criados são atualizados, mas não deixam de colocar a mulher em um mesmo papel, que mesmo modificado através das décadas, permanece estável na subalternidade. “Os roteiros mudam e se adaptam, mas parecem nunca ir embora” (TAYLOR, p. 67, 2013).

Narrativa de nossos tempos – clichê sim, mas nem por isso menos verdade –, a mídia possui novas tecnologias e meios de difusão, contudo continua reativando roteiros já outrora repassados em diferentes plataformas. Sendo a mídia um conceito amplo e impossível de abarcar em tão poucas páginas, colocarei o foco sobre a veia pretensamente imparcial e objetiva dela, o Jornalismo. Formado por atores sociais que integram e agem sobre as performances e papéis de gênero na sociedade, este não poderia deixar de ser afetado.

### **3. Bela, recatada e do lar**

Ao acordar em 1º de janeiro de 2011, toda garota poderia sonhar em ser presidenta, com a. Os gramáticos enlouqueceram, os políticos enlouqueceram, os jornalistas enlouqueceram, os cidadãos enlouqueceram. No masculino. “Uma mulher com poder é temida”, disse Anzaldua. De histórica a vaca, o golpe construiu-se machista. A viceprimeira-dama surgiu, personificando a mulher ideal. “Michel Temer é um homem de

sorte”. Re-estabelecendo padrões, que em verdade jamais foram abandonados. “Uma mulher com poder é temida”, já diria Anzaldua.

\*\*\*



Figura 01: Fotografia que ilustra a matéria “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”.

Fonte: Folhapress

\*\*\*

No dia 18 de abril de 2016, a revista Veja disse ao mundo que “Marcela Temer é uma mulher de sorte”. Os motivos escolhidos para essa pretensa sorte parecem retiradas de alguma revista dos anos 1950. Michel Temer continua romântico mesmo após treze anos de casado. Apelidos carinhosos e jantares luxuosos fazem parte da rotina, entrelaçada por ir deixar e buscar Michelzinho na escola e as consultas ao dermatologista.

A fotografia de uma mulher loira, branca e magra é a única imagem ilustrativa na reportagem e remete a personagem sempre elogiada pela beleza e elegância nas duas cerimônias de posse – a contrastar com a figura ao lado a ser empossada presidenta. O relato inicial sobre Marcela Temer relembra outra figura, esta relatada por Diana Taylor, princesa Diana. Objetos da mídia, elas são transformadas, respeitando os diferentes contextos em que se encontram, em

produtos de uma longa história de imaginação coletivas que normatizaram a heterossexualidade, glorificaram a maternidade, fetichizaram a juventude e a feminilidade, glamorizaram a brancura, erotizaram o imperialismo e promoveram um discurso de trabalho voluntário. (TAYLOR, p. 201, 2013)

Na própria reportagem, Marcela Temer é comparada a outra princesa, Grace Kelly. Atriz consagrada, Grace também é descrita como uma ‘mulher de sorte’. Não por seus inúmeros trabalhos, mas por ter tornado-se princesa de Mônaco. Um conto de fadas próprio. O roteiro é atualizado, em vez de um príncipe um vice-presidente – agora presidente interino –, no lugar da princesa, uma jovem bacharel em Direito. “Porém, mesmo que a incorporação se modifique, o significado pode muito bem permanecer o mesmo” (TAYLOR, p. 50, 2013).

Marcela casou-se com o primeiro namorado. A companhia para o primeiro encontro, quando tinha ainda 16 anos, foi a mãe. Planeja o segundo filho com Michel Temer, que deseja que seja uma menina. Gosta de cores claras e vestidos na altura do joelho. Nos cabelos, luzes ‘bem fininhas’. Educada, deixa o segurança na porta ao entrar no salão de beleza. É bela, mas não faz muitas aparições em público. Recatada. Cuida da casa e do filho. Do lar.

Os atos de fala propostos por J.L. Austin são sentenças e expressões que apenas por serem performadas são ações. Dizer é fazer. O aprofundamento nos conceitos e explicações de Austin nos leva a crer que todas as falas podem ser vistas com performativos implícitos. A abordagem performativa da linguagem é apropriada por Butler ao descrever os atos corporais performáticos.

Os atos corporais de Marcela Temer – em suas poucas aparições em público – performam o feminino. Não só ela performa o gênero mulher, como performa certo tipo de mulher – o tipo certo, lemos nas entrelinhas da reportagem. A performance corporal de Marcela volta-se para o discurso performativo do texto escrito pela jornalista Juliana Linhares. A escrita constrói a figura da primeira-dama interina através dos discursos proferidos sobre ela. Marcela não é convidada a construir a narrativa da própria vida.

Personagem principal das páginas duplas de “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’, Marcela Temer é sujeito passivo. A irmã, o cabeleireiro, a figurinista e mesmo um poema do livro publicado por Michel Temer são invocados a construírem a história de Marcela. O silêncio de Marcela talvez diga mais sobre a reportagem do que as falas ali

colocadas. Spivak esclarece que “o que o trabalho não pode dizer é importante, pois aí a elaboração da declaração é executada em um tipo de silêncio” (p. 82, 2014).

O silêncio de Marcela Temer grita o novo lugar destinado às mulheres. A primeira dama interina representa diversas mulheres sim, como muitos defenderam. O que não se compreende talvez é que o embate não está no indivíduo Marcela. A representação desta como figura feminina ideal, estabelece padrões a serem tomados como corretos. Mais do que isso, a seleção de Marcela como “o outro” – outro feminino e perigoso, por isso precisa ser domado – nos releva muito dos sujeitos – masculinos – a silenciar, mais uma vez, as mulheres. “A mulher encontra-se duas vezes na obscuridade” (SPIVAK, p. 90, 2014.).

#### **4. A construção do ser mulher**

“Haverá um gênero que as pessoas possuem, conforme se diz, ou é o gênero um atributo essencial do que diz do que a pessoa é, como implica a pergunta ‘Qual o seu gênero?’, pergunta Judith Butler em Problemas de Gênero (p. 28, 2003). A construção discursiva do conceito de gênero e sexo incapacita uma resposta conclusiva, mas a própria Butler traz uma ideia a qual retorno para falar do objeto desse texto. A figura ‘mulher’, para a autora, é frequentemente “invocada para construir uma solidariedade de identidade” (p. 25, 2003).

A homogeneidade das identidades é criticada por Butler e, antes desta, por Foucault. Como abarcar as multiplicidades dos sujeitos dentro de categorizações pré-definidas? “O preço para a obtenção de uma identidade socialmente inteligível é a subordinação, porque essa identidade nos encarcera em papéis sociais rígidos” (FIGUEIREDO, p. 161, 2015). Contudo, seria possível apenas aplicar sem nenhuma adaptação as críticas de uma norte-americana e de um francês, vindos de contextos completamente diversos em relação ao brasileiro?

Nesse sentido, podemos dizer que em termo das identidades raciais e sexuais o contexto latino-americano, com particular ênfase para o Brasil, sempre foi queer, se consideramos, prioritariamente, a fluidez da categoria e o desafio à identidade presente nessa categoria (BUTLER, 2004). Quer dizer, em contexto particularmente misturado em que o Estado é caracterizado pela falta de respeito aos direitos das minorias, da sexualização das mulheres nas narrativas da

identidade nacional e desrespeito à cidadania, o modo ainda eficaz para obtenção de direitos tem sido através da articulação coletiva e da mobilização política formuladas em termos identitários. (FIGUEIREDO, p. 160, 2015)

A afirmação de si como ser mulher é estratégia, então, porque a sociedade ainda assim nos lê. A tentativa de agenciar o corpo feminino – não só o de Marcela, mas o de todas as mulheres – torna imperativo o uso da identidade como maneira de afirmar a diferença e fazer reverberar a voz que insistem em silenciar. “Porque existimos e somos particulares, não somos dados o luxo de sermos indiferentes” (ASSUMPCÃO, p. 6, 2015).

A escrita que me dilacera é também parte de mim, como ser. Disseram-me mulher e assim eu ainda proclamo, até que não seja necessário proclamar mais. Vida e escrita não são separáveis, como disse Anzaldúa. A escrita é “marca de posição espaço-temporal no tecido social, de onde só aquele corpo é capaz de agir/pensar” (ASSUMPCÃO, p. 14, 2015). Escrever é perigoso, ainda mais quando é o sujeito subalterno que toma a escrita para si e sobre si disserta. Sem as transparências do intelectual eurocêntrico, mas com a organicidade de quem faz das vísceras, escrita.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (ANZALDUA, p. 232, 2000)

## 5. Repercussões

Bela, recatada e do lar. Bela, recatada e dólar. Bela, livre e da rua. Bela, rodada e da luta. Bela, desbocada e do bar. Bela, problematizadora e do mundo.

\*\*\*

“O que a mídia de massa transmite não é fundamentalmente imagem-conteúdo, mas evento-potencial” (PUAR, p. 362, 2013). A revista não é uma mídia de massa, muito embora a ideia de um evento-potencial possa ser aplicado nas repercussões da reportagem aqui tratada. As respostas aqui são processos relevantes na análise do texto. O desenho da figura de Marcela pela revista *Veja* foi parodiado nas mais diferentes formas, fazendo perceber que

não é que as mídias simplesmente impõe estruturas de desejo e de comportamentos apropriadas. As maneiras como as populações desenvolvem modos de assistir, conviver, recontar ou reciclar os materiais levam em consideração um âmbito amplo de respostas. (TAYLOR, p. 53, 2013)

Antes mesmo da leitura da reportagem que gerou as respostas, eu já tinha avistado dezenas de fotografias ironizando os adjetivos que lhe formam o título. As belas, recatadas e do lar abraçavam uma garrafa de São Braz, dançavam pole dance, usavam roupas curtas e estavam na rua. As variações colocaram-se como alternativas ao modelo normalizador colocado pela revista.

A reportagem atua como performance ao “tornar visível o que sempre esteve lá” (TAYLOR, p. 207, 2013). O roteiro modificado aplicado nessa atualização do conto de fadas é escancarado. Ao performar um arquivo e repertório já arraigados, ele se esquece do poder dessa audiência, que já não se deixa enganar pelo espectros re-performados e re-utilizados.

O poder de não se deixar enganar pela performance é o reconhecimento de que já vimos tudo isso antes – as fantasias que moldam nosso sentido do eu e da comunidade, que organizam nossos roteiros de interação, conflito e resolução. (TAYLOR, p. 208, 2013)

Estamos mesmo livres desses fantasmas?

## 6. Considerações finais



As escolhas acadêmicas também falam de escolhas políticas. Desde a seleção de autores, até a colocação das citações e mesmo a escolha do objeto, diz muito dos posicionamentos políticos daqueles que escrevem. A Academia, assim como o Jornalismo, outrora buscou para si a redoma da objetividade e imparcialidade – a bem da verdade, essas duas características invocadas por muitos pesquisadores.

Contudo, uma pretensa transparência e não-vinculação com aquilo que se escreve é impossível. Desde a escolha do objeto, ao recorte, metodologia e bibliografia, as escolhas dizem mais sobre aqueles que pesquisam do que sobre aqueles que são pesquisados. Não seria preferível, então, abandonar essa falsa redoma – protegida pelas mais diferentes artimanhas – e assumir o lugar do qual falamos como pesquisadores? Tornar de fato o processo mais sincero e a leitura mais transparente?

A mídia torna-se na atualidade uma atualização de roteiros pré-estabelecidos com maior alcance e feita nas mais diferentes plataformas. O repertório performado todos os dias pela sociedade a respeito de papéis pré-estabelecidos transforma-se em arquivo através da imprensa e volta novamente a repertório, num processo de retro-alimentação contínuo e incessante, onde não é possível precisar onde é início e onde é final. A escolha de uma reportagem para análise dentro de uma gama destas disponíveis, assim como os métodos utilizados para analisá-la são também escolhas políticas feitas ao me propor a escrever esse artigo.

Como mulher, a publicação me atingiu de maneira diferente. Ela veio me falar de comportamentos ensinados, explícita ou implicitamente, desde antes mesmo de eu ter consciência suficiente para assimilar. Como jornalista, eu poderia ter tomado diversos caminhos para análise. Contudo, os estudos de gênero e suas performatividades me pareceu a escolha mais acertada num campo que ainda ignora muitas das questões relacionadas o tema.

A interdisciplinariedade entre Jornalismo e Gênero mostra-se cada vez mais necessária, em um campo que demite jornalistas que denunciam assédios no exercício da profissão logo após um ano com 2015, onde não foi possível ignorar as mulheres fazendo-se mídia e fazendo reverberar as próprias vozes ao denunciar os mais diferentes tipos de

opressões aos quais ainda somos expostas. O silenciamento sempre imposto - e que com matérias como a analisada nesse artigo - ainda é o lugar reservado as mulheres, vai sendo rompido a cada instante.

Ao encerrar este artigo, não desejo concluir coisa alguma. Os entrelaçamentos aqui propostos me levam a apenas uma consideração, esta não final: precisamos seguir tensionando. As mulheres privilegiadas precisam persistir tensionando e criando no espaço da Academia, ainda dominado por homens, espaços de resistência onde seja possível falar de nós com a posicionalidade de alguém que vive organicamente o que é ser mulher e não com a falsa objetividade de pesquisador imparcial.

## 7. Referências Bibliográficas

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Trad. Édna de Marco. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, 8(1): 229-236, 2000

ASSUMPÇÃO, Pablo. Eleonora e o corpo performativo: poéticas do ato, materialidades do encontro<sup>1</sup> In: FABIÃO, Eleonora; LEPECKI, André (Org.) **Ações: Eleonora Fabião**. Rio de Janeiro: Tamanduá Artes, 2015.

AUSTIN, J. L. How to do things with words . Londres: Oxford University Press, 1962.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. trad: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. **Revista de Estudos Interdisciplinares em Gêneros e Sexualidades**, Salvador, v. 1, n. 3, p.152-169, maio/outubro 2015.

MARCELA Temer: bela, recatada e “do lar”. 2016. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>>. Acesso em: 4 julho de 2016.

PUAR, Jasbir. “Prefiro ser um ciborgue a ser uma deusa”: interseccionalidade, agenciamento e política afetiva. **Meritum**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p.343-370, junho/dezembro 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 174 p. Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: Performance e memória cultural nas Américas. Editora UFMG, 2013.